

# Industriais não vêem motivos para a euforia

A pequena melhora na produção industrial paulista, voltada exclusivamente para as exportações, não é motivo para euforia, porque a economia brasileira só começará a crescer quando houver uma reversão da taxa inflacionária. Essa opinião é de vários presidentes de federações de indústrias dos Estados, ouvidos ontem durante a realização de um almoço oferecido pela Confederação Nacional da Indústria (CNI) ao presidenciável deputado Paulo Salim Maluf.

Para o presidente da CNI, senador Albano Franco, se houve realmente uma retomada do crescimento isso é muito importante para o País. Entretanto, ele disse que ainda não tinha conhecimento dos números da Federação das Indústrias do Estado de São Paulo (Fiesp), explicando que o setor de informática da CNI está sendo montado agora, por essa razão estava sem condições de opinar sobre a melhora da produção industrial.

Disse também o senador sergipano que é muito importante a queda da inflação. Mas essa redução de-

ve ser compensatória com o custo social que está sendo pago pelos brasileiros. Somente com a reversão da taxa inflacionária é que poderá se iniciar o processo de reativação da economia brasileira, afirmou o parlamentar, acrescentando que a queda da inflação tem de ser feita nem que seja por "asfixia". O índice deve começar a cair a partir do próximo mês, previu o senador.

Albano Franco não acredita que a balança comercial tenha um superávit de US\$ 11 bilhões, como previu a Fiesp, mas acha que os US\$ 9 bilhões prometidos ao Fundo Monetário Internacional serão conseguidos. Para obter um saldo positivo maior só será possível, disse, através de um freio brusco nas importações e corte nas compras de petróleo.

O presidente da Federação das Indústrias do Estado do Pernambuco, Gustavo Peres Queiróz, não acredita na retomada do crescimento econômico do País. Ele explica que, no seu Estado, a indústria não mostrou ainda os sinais de recuperação. A indústria principal do Estado é de açúcar, que está em crise devido o mercado deprimi-

do.

O setor industrial não deverá ter crescimento positivo este ano, previu Gustavo Queiróz, acrescentando que, quando muito, ficará igual a 83, quando houve uma retração de 7,6%. Ele acha que para aumentar a demanda interna o Governo precisa alterar a lei salarial, repondo as perdas ocorridas desde a aprovação do Decreto-lei 2.065. As taxas de juros devem ser reduzidas assim como deverá ser feita uma limitação forte na correção monetária.

Para Flávio Costa Lima, presidente da Federação das Indústrias do Estado de Ceará, a euforia que os empresários estão vivendo não é justificada, porque nada o faz mudar de ideia sobre a reversão da expectativa atual. Ele disse que há uma descrença nas previsões "econômicas", e só acredita no crescimento "vendo, pensando e pegando", nos dados da Fiesp e do Governo.

O presidente da Federação das Indústrias do Rio Grande do Sul, Renan Proença, não contestou os dados da Fiesp, mas também não os ratificou. Ele disse que não sabe ainda

qual o comportamento da indústria gaúcha, informando que somente nos próximos dias é que receberá os números. Se ocorrer o mesmo no Rio Grande do Sul, afirmou Proença, ele ficará muito satisfeito. As estimativas paulistas foram uma surpresa para ele, confessou.

Proença não acredita numa recuperação industrial, embora ache que esse ano será menos ruim do que 1983. Ele concorda que o Governo deve alterar a política salarial para que o comércio interno tenha reaquecimento, e Governo deve continuar com o controle rígido dos gastos públicos.

O presidente da Fiesp, Luiz Eulálio Vidigal Filho, não quis falar muito sobre a recuperação da indústria paulista, porque na quarta-feira, ele tinha dado uma longa entrevista. Mas ele reiterou que acredita plenamente no crescimento de 1% da indústria este ano. Disse também Vidigal que o comércio já mostra fortes indícios de recuperação, em alguns setores. Mas a retomada da demanda interna só se elevará com a redução da inflação, finalmente.